

OMS pede investimento em saúde para salvar milhões

GENEBRA — Milhões de vidas poderiam ser salvas em todo o mundo com o investimento de apenas 12,50 dólares (cerca de Cr\$ 10 mil) por pessoa a cada ano em cuidados básicos de saúde. O investimento, que totalizaria 50 bilhões de dólares para socorrer os países mais pobres, corresponde a dois terços do que se gasta anualmente com cigarros, metade dos gastos com bebidas alcoólicas e apenas 1/15 das despesas com armamentos.

Os dados constam de um relatório chamado "Situação dos Cuidados Primários de Saúde", que acaba de ser divulgado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e que pinta um quadro sombrio dos problemas médicos-sanitários em 70 nações, abrangendo nada menos de 64 por cento da população do planeta.

O relatório destaca que mediante a instalação de sistemas de saneamento básico e redes de água potável, além do treinamento de monitores encarregados de prestar assistência médico-sanitária elementar — o que equivaleria aos 12,50 dólares —, seria possível evitar o que acontece todo o ano em escala crescente: a morte de milhões e milhões de pessoas.

Segundo a OMS, a cada ano nascem 122 milhões de crianças, das quais cerca de dez por cento — mais de 12 milhões — morrem antes de completar um ano de vida; outros quatro por cento morrerão antes do quinto ano. Os maiores assassinos são a diarréia, com seis milhões de vítimas; as doenças infecciosas como o sarampo, a coqueluche, poliomielite, tétano, difteria e tuberculose, que matarão cinco milhões; e, por fim, a pneumonia, o impaludismo e a esquistossomose, também com uma conta de centenas de milhares de crianças.

Além das crianças, os adultos dos países pobres sofrem duramente com a precariedade ou mesmo inexistência de assistência básica, morrendo em grandes quantidades de males como a tuberculose e a hanseníase. As estatísticas da OMS revelam que nesses países um em cada três habitantes tem algum tipo de verminose e um em cada 20 contrai esquistossomose. O impaludismo — que se supunha ter sido dominado — volta a expandir-se e hoje flagela uma em cada seis pessoas.

A SOLUÇÃO

O relatório salienta que todas essas doenças são fáceis de tratar e

até de eliminar, já que plenamente abrangidas pelos conhecimentos médicos existentes. O problema é colocar em prática os conhecimentos e aplicar as verbas necessárias. A OMS reconhece que a escassez de recursos é um dos maiores obstáculos, mas tão importante quanto ela é a excessiva ênfase que se dá à formação de médicos e à aquisição de medicamentos sofisticados — o que consome as poucas verbas disponíveis.

De acordo com os levantamentos, mais de dois terços da população dos países pobres — ou seja, cerca de dois bilhões de pessoas — não mantêm contato com pessoal qualificado para prestar assistência sanitária. A aplicação dos 12,50 dólares, naturalmente, não permitiria proporcionar médicos e hospitais para os necessitados, mas bastaria para formar monitores capazes de prestar assistência básica e fornecer os medicamentos essenciais, além de garantir redes de saneamento e de distribuição de água potável.

Atualmente, nos 25 países mais pobres do mundo, são investidos, em média, apenas 2,60 dólares por pessoa em sistemas sanitários, verba que sobe para 17 dólares em outros 85 países em situação um pouco melhor. No entanto, três quartos desta última soma são gastos com serviços que beneficiam apenas uma pequena parcela da população. A OMS propõe, então, uma inversão de prioridades: cuidar da assistência básica, preventiva, em primeiro lugar, deixando a medicina mais sofisticada, curativa, para quando houver mais recursos.

"Os serviços sanitários urbanos do tipo curativo absorvem uma parte desproporcional dos orçamentos de saúde. Com o dinheiro gasto na formação de um só médico (que pode variar entre cinco mil e 80 mil dólares, dependendo do país e da formação que lhe for dada) seria possível formar e contratar 60 assistentes sanitários, além deles garantir equipamento e instalações necessárias em nível comunitário", diz o documento.

DESPROPORÇÃO

Num balanço referente à América Latina, a OMS calcula que nos próximos seis anos se formarão cerca de 200 mil médicos especialistas, cujos estudos significam um altíssimo investimento, e que prestarão seus serviços a apenas pequenas parcelas da população. Ao mesmo tempo, as áreas rurais da região precisam de nada menos de um milhão de assistentes sanitários e seus habitantes

decorrentes da falta de saneamento básico e de água potável. Providenciá-los, salvaria as vidas de milhões de pessoas.

● Nos países pobres, entre 60 e 80 por cento dos partos são realizados por pessoas sem as mais elementares noções de assistência médica.

● Os serviços hospitalares urbanos são contemplados nos orçamentos de saúde com recursos desproporcionais à quantidade de pessoas que atendem.

● Oitenta por cento das doenças de todo o mundo são

decorrentes da falta de saneamento básico e de água potável. Providenciá-los, salvaria as vidas de milhões de pessoas.

● Na Finlândia, há um médico para cada 557 habitantes, enquanto no Peru a relação chega a 1.480 por um, na Índia a 3.660 por um e na Etiópia a 57.689 pessoas por médico.

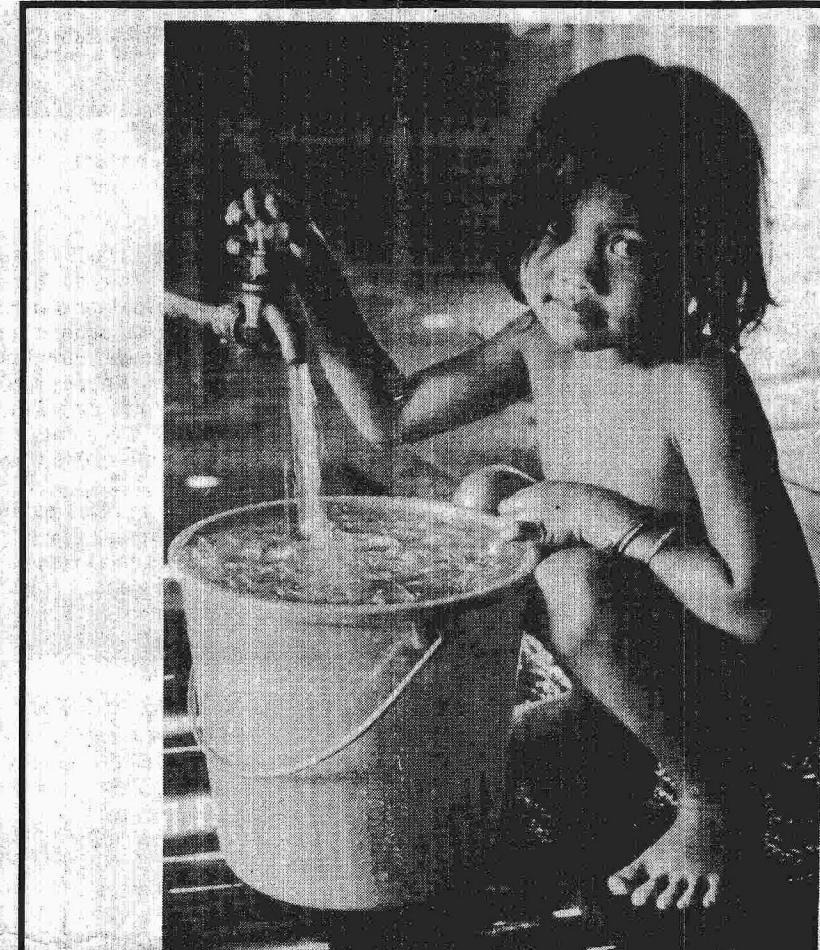
● Cerca de meio milhão de mulheres morrem de parto a

cada ano no mundo. E 12 milhões de bebês morrem antes de completarem um ano.

● As despesas com a compra de remédios consomem metade dos orçamentos de saúde de dezenas de países.

● Em todo o mundo, uma em cada duas pessoas jamais receberam cuidados médicos, mesmo elementares; uma em cada três não consome água potável; e uma em cada quatro sofre de problemas de nutrição.

WORLD HEALTH ORGANIZATION



'Eighty per cent of the world's disease is related to the lack of clean water and adequate sanitation', according to WHO. Providing safe water is one of the key elements of primary health care that could save millions of lives every year.

Photograph by J. Abcede/WHO

Segundo a OMS, a simples instalação de redes de água potável salvaria muitas vidas

tes passarão a vida inteira sem ao menos ver um só dos médicos formados.

O relatório diz que nenhum fato recente mostra a reversão desse quadro. Ao contrário, continuam sendo feitos investimentos maciços na formação de médicos e na rede hospitalar urbana, enquanto os cuidados primários de saúde são considerados um serviço sanitário de segunda categoria, que deve ser financiado com o que sobrar da manutenção dos hospitais de alta tecnologia.

Por ironia, a divulgação do relatório ocorre exatamente no quinto ani-

versário da "Declaração de Alma-Ata", um congresso que reuniu especialistas em saúde de 134 países na União Soviética, e que foi considerada "a declaração de intenções mais otimista jamais pronunciada pela comunidade internacional". Na oportunidade, o texto anunciaava o compromisso de todas aquelas nações de promover um grande esforço "para que a meta de saúde para todos seja alcançada até o ano 2.000". A 17 anos da data do compromisso, apesar dos avanços em alguns países isolados, o quadro geral não mudou.

Dos 25 mil remédios, só 200 são tidos como essenciais

Em todo o mundo são fabricados cerca de 25 mil diferentes tipos de remédios, mas apenas 200 deles são verdadeiramente essenciais e bastariam para tratamento das doenças mais disseminadas, que respondem pela maioria das mortes em todo o mundo, revela um anexo ao documento "Situação dos Cuidados Primários de Saúde", distribuído pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

A OMS considera essenciais os medicamentos "que satisfazem as necessidades de tratamento da maioria da população e podem ser obtidos a qualquer momento em quantidades adequadas". Dos 200 enquadrados nessa categoria, 47 são para cura de infecções e doenças causadas por parasitas (que, de acordo com um estudo do Banco Mundial, causam mais de 40 por cento das mortes nos países pobres), 17 são vacinas, 15 são drogas para doenças cardíacas e 12 destinam-se a doenças de pele.

Segundo a OMS, 70 por cento dos países do Terceiro Mundo já dispõem de listas de medicamentos essenciais, mas a aplicação prática dos medicamentos tem sido dolorosamente lenta, em parte por causa da falta de recursos, que impede a fabricação doméstica dos remédios, e em parte devido à influência das multinacionais da indústria farmacêutica.

Por outro lado, alguns relatórios mostram que há países do Terceiro Mundo que consomem de 40 a 60 por cento de seus magros orçamentos de saúde com a compra de medicamentos, enquanto nas nações desenvolvidas esse total raramente excede os 20 por cento.

De acordo com a OMS, as despesas com a importação de remédios no Terceiro Mundo, de cerca de 9 bilhões de dólares por ano, constituem "uma das maiores sangrias de moedas fortes" em seus orçamentos. E os preços sobem quatro vezes mais rápido que o crescimento de seu Produto Interno Bruto.

Além do mais, a maior parte das verbas despendidas, destina-se a medicamentos para tratar de doenças que afetam apenas uma pequena parcela das populações, e não aqueles realmente abrangentes, que fazem vítimas em grande quantidade.